

Prólogo: A Menina que Conversava com Caveiras

A primeira coisa que se sentia era o cheiro. Tudo naquele lugar cheirava mal. E era sempre o mesmo odor: o odor de coisas mortas, e que haviam morrido fazia muito tempo. Qualquer pessoa normal teria náuseas ao entrar naquele lugar. Mas não havia pessoa alguma ali. Na verdade, não havia absolutamente nada. O céu, preto, era a marca do Fim; as águas, pretas, eram a marca da Morte. E a terra, igualmente maculada, igualmente fétida, era a marca do Sofrimento. Do sofrimento pelo qual todos já haviam passado. Do sofrimento pelo qual todos estavam fadados a passar por toda a eternidade.

E ali, numa ilha pequena no meio daquelas águas, defronte para o mar, de costas para o castelo, havia uma pessoa, sentada sobre os portões escancarados, que já faziam parte da paisagem, se fundindo com a areia e com a água num equilíbrio perfeito. Imaginava-se que qualquer um que ali estivesse não mais mantivesse a sanidade para refletir enquanto se contemplava o pôr-do-Sol. Mas como não havia Sol algum para se pôr, a jovem garota de cabelos loiros apenas contemplava o Nada; o horizonte infinito, onde preto se juntava com preto, e tudo terminava em morte.

E ela sorria.

Mas não era um sorriso maligno. Seus inocentes olhos azuis fitavam um ponto fixo no espaço, e ela apoiava a cabeça nas mãos, e os cotovelos nos joelhos, enquanto balançava os pés, rindo cada vez que a maré subia o bastante para molhar seus calçados, achando graça nas menores coisas, indiferente à atmosfera pútrida que a rodeava. Pois por mais terrível que fosse aquele lugar, aquele lugar era dela. Somente dela e dela somente, e ninguém poderia tirá-la dali. Passaria seus dias sorrindo sobre aquele mar pútrido, e ninguém poderia impedi-la. Quer dizer: a não ser, é claro, que sua mestra retornasse.

Caso sua mestra retornasse, tudo mudava de figura. Ela perderia o castelo, as praias, o mar, e o céu infinito. Tudo voltaria às mãos de Hel, e Morrigan voltaria a ser nada mais do que uma criada. Chateada, ela suspirou. No que adiantava ter seus devaneios de grandeza, quando ela sabia que a única grandeza que alcançaria na vida seria aquela? Guardar os domínios de Hel até que o dia prometido chegasse. O dia prometido. Era um nome que soava engraçado. Rindo baixinho, ela se levantou, e tirou a areia de seu vestido negro.

Morrigan tinha cabelos loiros e lisos, que se encaracolavam nas extremidades. Eram tão longos que chegavam até suas coxas, e parte deles cobria-lhe os ombros, sedosos e brilhantes, caindo sobre os seus seios. Ela vestia um vestido preto rendado, com diversas partes transparentes, que chegava até os seus joelhos, e se abria para baixo como uma rosa negra. Tinha sobre as pernas uma meia-calça comprida, vestia nos braços mangas postiças que viravam luvas, e nos pés calçava sapatos de salto alto com fivelas prateadas. Na sua testa, havia uma

diadema dourada; dourada como os seus cabelos. Ali, ela vestia o que bem entendesse. Afinal, ninguém iria visitá-la de qualquer maneira. Poderia andar sem roupas se quisesse. Ela sorriu ao pensar nisso, e se virou para entrar no castelo.

Feito de matéria morta, aquele local seria o paraíso para qualquer necromante. O próprio ser que construía o palácio, aliás, fora um necromante. As paredes de carne davam um charme há mais à construção, que já estava preta de tão velha. Ossos, nervos, músculos e sangue seco se juntavam na melhor das argamassas, e tornavam aquela uma fortaleza aterrorizante. Gigantesco, ele exibia suas nove torres como se fossem troféus. Havia três atrás, uma maior que as duas laterais, e outros dois pares de três, um de cada lado. Nem todas, porém, eram retas como deveriam ser. Conforme se aproximavam das extremidades do castelo elas iam se inclinando, até se deitarem completamente, simétricas do lado esquerdo e direito. Visto de longe o castelo inteiro lembrava um gigantesco crânio, com várias estacas espetadas em sua cabeça. Uma visão aterradora. Bem, talvez para os outros. Aquilo não aterrorizava Morrigan. Ela havia passado tanto tempo ali dentro que aquele lugar havia se tornado a sua casa. Só sua e sua somente; pelo menos até que sua mestra retornasse.

No caminho tortuoso para o seu interior, ela olhava sem interesse para as imagens nas paredes. Cenas de batalhas de momentos passados decoravam o corredor do início ao fim, formando uma única pintura que se desenrolava como um pergaminho, mostrando diferentes momentos de história, e de como todos eles acabavam em sangue. Diferentemente dela, o último guardião desse local se preocupava bastante com a aparência de sua morada, e dedicara todos os dias da sua vida para aprimorar e enfeitar o castelo. Mas ele se fora há muito tempo, e agora quem reinava era Morrigan. Sozinha. Triste, ela continuou seu caminhar silencioso, até dar de cara com o grande portão.

Feito inteiro de ossos brancos como o luar, ele se destacava bastante do resto da construção. Espetos e crânios faziam parte de sua decoração, assim como costelas destacadas e longas colunas vertebrais. Por vezes se via até mesmo esqueletos quase inteiros, e por vezes se via apenas um fêmur jogado no meio de toda aquela ossada. Bem, talvez não jogado: o necromante que construía tudo aquilo tomara o cuidado de garantir que o portão tivesse um funcionamento impecável; ela sabia disso, já tinha aberto-o antes inúmeras vezes.

Dando alguns passos para frente, ela chutou a porta com violência. As mandíbulas de todos aqueles crânios começaram a chacoalhar, como se os mortos achassem graça. Ela não ligou, e chutou novamente. Os ossos então começaram a se mexer, e assim como as engrenagens de um relógio, deslizaram entre si procurando gerar o movimento perfeito; vértebras deslizaram sobre vértebras, e ossículos minúsculos soltaram-se de ossos maiores para ligarem-se a outros pedaços de ossos. A porta inteira se transformou, e o que antes eram ossos jogados, se tornaram esqueletos completos, em poses estranhas, com os braços erguidos como se quisessem sair dali mas a parte de baixo de seus corpos ainda estivesse presa na parede.

E então as duas portas se abriram. Límpidas e sem ruído algum. Bocejando, Morrigan caminhou entre elas, desembocando no largo salão de visitas. Havia grandes mesas com banquetes que ninguém jamais provara, e lamparinas acesas na parede. Havia velas sobre toalhas de veludo, cadeiras com estofado dourado e estantes que a garota já havia se cansado de fuçar. Sem perder tempo, ela atravessou o salão, e pegou o túnel que levava aos aposentos reais.

Seus passos continuaram, e o som de seus sapatos pretos se arrastando pelo chão liso do túnel ecoava em todas as direções. Nessa parte do castelo, o cheiro forte de cadáveres era amenizado, e o material que compunha o teto, o chão e as paredes também parecia ter mudado. O que antes se tratava da mais pura escultura de carne, agora brilhava com um negrume mais profundo que a noite. Era estranho como a cor preta brilhava. Brilhava como se fosse o Sol. Ou talvez o extremo oposto do Sol. Pois todo aquele ambiente era agora composto pelo que pareciam ser pedras preciosas, lisas e perfeitas, refletindo o rosto de Morrigan milhares de vezes, por todos os lados, em cima e embaixo. Pedras negras e absolutas, sem nada esculpido sobre elas, sem nenhum pedaço quebrado, nenhuma ponta áspera. Impecável. Bem, não se podia esperar menos do Senhor dos Mortos. Aquela era a morada de Hel. E isso somente já era um sinal de que ela era perfeita.

Depois de algumas curvas, não se enxergava nada à frente, e nada atrás. Qualquer um que chegasse àquele ponto veria a si mesmo num labirinto de trevas, e sucumbiria à loucura, uma hora ou outra. O ar era pesado, e era difícil de respirar. Ao olhar para a direita ou para a esquerda, se enxergava somente os cristais negros, e seu próprio reflexo amedrontado neles. Ao olhar para cima, notava-se um teto distante. E que se distanciava cada vez mais. Tinha-se a impressão de estar descendo; daquele túnel estar caindo com você junto, levando-o para os confins do Inferno. Como um elevador do submundo.

Mas tudo aquilo era tedioso para Morrigan. Ela já havia percorrido esse caminho tantas vezes que se cansara de contar. Contar coisas havia sido um passatempo interessante. Mas quando se passava da casa dos milhares, começava a ficar tedioso. A garota já havia contado várias coisas: quantos segundos havia entre uma onda e outra nas praias de Hel, quantas caveiras ela encontrara enterradas naquele dia, quantos ossos formavam os portões do palácio. Mas tudo aquilo era passado. Ela já havia superado aquela fase. Agora ela gastava seu tempo divagando sobre coisas inúteis, esperando o nascer do Sol que nunca chegaria.

Depois do que pareceu ser longas horas na escuridão, ela se aproximou do fim do túnel. Percebia isso pela mudança drástica de temperatura. O ar sufocante permanecia, porém. Agora cercado por uma névoa gelada. Mas permanecia. Aos poucos, cobrindo os cristais negros, começaram a surgir finas camadas de gelo, que engrossavam até formar uma cor azulada e transparente, que mudava completamente a iluminação do corredor. Em poucos metros, os cristais negros estavam tão abundantes quanto os cristais de gelo, e Morrigan arrependeu-se de estar vestindo aquelas roupas que não há aqueciam nem um pouco.

Pelos lados, jogados nos cantos, surgiram as ossadas. Ah, ossadas. Mesmo estando tão acostumada com ossadas, ela sempre sorria ao enxergar alguma. Conhecia todas ali de cor. Já havia dado nomes a elas, e às vezes passava longas horas conversando com os mortos. Congeladas, elas eram preservadas da decomposição, e não sofriam o triste destino de todos aqueles que chegavam em Hel: tornar-se parte do cenário. Sua beleza eterna era o que deslumbrava Morrigan, e ela parou alguns instantes, permitindo-se observar aquela maravilha da natureza. Todos eles completos, sem faltar nem uma única costela, nem uma única falange do dedo. Foi quando ela arregalou os olhos, e agachou-se, ao notar algo fora do lugar.

De um ponto aleatório no meio do caminho, as ossadas começavam a ficar incompletas. O gelo, quebrado, mostrava que elas claramente haviam sido violadas. A falta de fragmentos de cristais negros no chão mostrava que não havia sido um deslizamento nem nada parecido. Alguém havia estado ali. Alguém além dela.

Mas como poderia haver outra pessoa ali? Nunca houvera. Aquele lugar sempre pertencera à Morrigan. Não havia nenhum outro ser vivo em Hel, e não deveria haver, até o dia prometido. Quem teria violado o Palácio? Quem teria se intrometido e quebrado suas preciosas ossadas? Com os punhos cerrados, ela acelerou o passo, e rapidamente alcançou o final do corredor.

Alargado, ele dava lugar à nove túneis diferentes. Todos iguais. Mas dessa vez a garota não demorou para tomar uma decisão. Sem hesitar, pegou aquele que estava mais para a esquerda, e correndo, tentava compreender o que estaria acontecendo.

Mas correr não adiantaria nada. Ela sabia disso. Percorrer aquele caminho levava uma pequena eternidade. Portanto, quando se cansou, ela voltou a andar normalmente. Mas sua irritação não havia ido embora.

Por todo aquele novo túnel, as ossadas haviam sido parcialmente violadas. Faltava um osso, havia um arranhão, um pedaço de gelo áspero ou um fêmur quebradiço. Quem quer que fosse, não precisava destruir aquelas belas esculturas.

Sem saber direito no que pensar, ela continuou seu longo trajeto, pelo que lhe pareceram dias. O túnel, idêntico em todos os pontos, agora era coberto completamente por gelo. Enxergava-se os cristais negros por baixo, mas todos eles estavam distorcidos pela camada fria transparente azulada que justificava a baixa temperatura do ambiente.

Quando finalmente chegou ao final do corredor, Morrigan sorriu. Estava no salão real. E não havia nada de diferente ali. A larga câmara ainda surgia diante de seus olhos como num sonho; o céu negro acima, o abismo negro abaixo; ambos infinitos, continuavam ali. E dos dois lados o negrume continuava, reafirmando a profundidade das trevas. Era como o espaço. Um espaço sem astros, sem nada. Como uma outra dimensão. Uma outra existência. Infinita e sombria. E a garota adorava aquela existência.

Do seu lado esquerdo, surgindo do abismo sem fim, se erguia uma onda gigante, que

quase tocava o trono de ébano que flutuava no meio daquela imensidão. Como uma fotografia, a onda parecia congelada. E de fato estava. Uma onda gigante congelada, azul e transparente, mostrava a todos um lapso no tempo e espaço. Estática. Infinita. Do seu lado direito, uma estrutura semelhante se erguia das entranhas daquela dimensão. Mas diferentemente da primeira, ela não era azul, e sim vermelha, vermelha e dourada. Uma onda gigante de lava, coberta também por gelo, distorcia todas as leis da física enquanto brilhava incandescente e congelada ao mesmo tempo. As duas quase se encontravam no ar, começando a derramar-se uma sobre a outra, e parando no ar. Inexplicáveis. Sublimes.

No meio das duas, o trono.

Morrigan afastou seus cabelos para trás das orelhas, e revelou as duas pequeninas asas de morcego que cresciam como chifres em sua cabeça. Abrindo os braços, ela levantou voo, e navegou pela dimensão fervente e hipotérmica, levitando por cima dos imensos degraus que levavam até o trono de Hel. Enormes, os degraus eram plataformas flutuantes no meio do nada, tão grandes que pareciam ter sido feitos para gigantes. Mas ela não precisava percorrê-los. Era a rainha dali, e usaria o caminho que bem entendesse.

Quando atravessou os nove degraus, ela parou, e fitou o trono de ébano. Uma grande cadeira feita de cristais negros, que comportaria o maior dos soberanos. Maior ainda que Morrigan. Maior ainda que Hel. Sem deixar de sorrir, ela pousou sobre ele, e sentou-se na pedra fria e dura. A pedra que lembraria o Imperador da dureza de seus deveres, e de todo o sofrimento que o acompanharia no pós-vida e além.

Espreguiçando-se, ela deitou-se naquele trono, colocando suas pernas para fora de um dos seus braços, apoiando as costas sobre o outro, ficando de lado para o espaldar. Um pouco acima dela, havia a caveira. A caveira negra congelada, que vigiava a sala real desde sempre. Uma companheira para se passar o tempo. Uma colega para ouvir as suas aventuras. Depositando-a na palma de sua mão, ela a observou, cuidadosa.

-Eu tenho muitas coisas para te contar, Samael. -disse ela, sorrindo. -Sabe, eu acho que há um intruso no seu castelo. Podemos brincar de persegui-lo depois.